SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: https://doi.org/10.1590/2316-82422026v4702cla

Nietzsche, o Humano, demasiado Humano e o Super-Humano

Clademir Araldi

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

Submetido em: 2026-04-09
Postado em: 2026-04-17 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

Nietzsche, o Humano, demasiado Humano e o Super-Humano.
Nietzsche, the Human, All Too Human and the Superhuman.

Clademir Luís Araldi

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8255-2946
Correio eletrônico: clademir.araldi@gmail.com

Resumo: Este artigo visa a confrontar a concepção de humano, demasiado humano (*Menschliches, Allzumenschliches*) com a concepção de *super-humano* (*das Übermenschliche*) em Nietzsche, à luz de suas considerações acerca da Humanidade Futura, elaboradas desde o período intermediário. Num primeiro momento, questiono, a partir do "último homem", quais noções de humanidade e de humanismo Nietzsche abandona. Posteriormente, analiso os sentidos afirmativos possíveis para a humanidade futura (*die zukünftige Menschlichkeit*) podem ser construídos com base na concepção de vontade de poder. Enfim, mostro que essas concepções de humano e de super-humano de Nietzsche são incompatíveis com formulações atuais do Pós-Humano (*the Posthuman)*.
Palavras-chave: Humanidade, Homem, Super-homem, Vontade de poder, Niilismo

Abstract: This article aims to compare Nietzsche's concept of the human and the all-too-human (*Menschliches, Allzumenschliches*) with his concept of the superhuman (*das Übermenschliche*), in light of his reflections on the Future Humanity, developed from his middle period onwards. Firstly, drawing on the 'last man', I examine which notions of humanity and humanism Nietzsche abandons. Subsequently, I analyse the possible affirmative meanings for future humanity (*die zukünftige Menschlichkeit*) that can be constructed on the basis of the concept of the will to power. Finally, I show that Nietzsche's concepts of the human and the superhuman are incompatible with current formulations of the Posthuman.
Keywords: Humanity, Man, Superhuman, Will to power, Nihilism

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

Desde *Humano, demasiado humano* Nietzsche valorizou os resultados da ciência moderna, que seriam recursos para o 'fomento' e para o 'desenvolvimento' contínuo da humanidade. A filosofia do espírito livre, nesse sentido, valoriza um certo "progresso" da espécie humana, em direção ao homem sábio[1]. O sentido histórico (em suas implicações positivistas e críticas) distingue os modernos, de modo a fornecer-lhes condições propícias na direção construtiva da "humanidade futura".

A sabedoria jovial dos espíritos livres, com suas viagens de descoberta no passado do humano seria condição para a construção de uma nova humanidade (futura): "Assim o autoconhecimento se torna conhecimento de tudo, no tocante a tudo que passou: tal como numa outra cadeia de raciocínio, aqui apenas aludida, a autodeterminação e autoeducação dos espíritos mais livres e longividentes poderia tornar-se determinação total, no tocante a toda a humanidade futura (*zukünftiges Menschenthum*)." (VM/OS 223, KSA 2.477)

Essa seria a felicidade resultante da paixão do homem do conhecimento, que é destacada em *Aurora*, ainda no horizonte longínquo do futuro da humanidade: "A felicidade do homem que conhece aumenta a beleza do mundo e torna mais ensolarado tudo o que há; o conhecimento põe sua beleza não só em torno das coisas, mas, com o tempo, *nas* coisas; — que a humanidade futura (*die zukünftige Menschheit*) dê testemunho dessa afirmação!" (M/A 550, KSA 3.320)

A plasticidade e mutabilidade de tudo o que é humano (cf. FW/GC 46, KSA 3.411) é vista de modo positivo, como um estofo a ser moldado. Por isso, no auge da Filosofia do espírito livre (no livro IV da GC) é que Nietzsche aponta para suas mais elevadas esperanças em relação à "humanidade" futura[2]: ao conclamar os "homens de hoje" para que sejam elos de uma corrente de um "sentimento" que se tornará muito poderoso:

---

[1] Esse processo de criar o 'homem sábio e inocente' pressupõe o cultivo de novos hábitos por milhares de anos, de modo que Nietzsche valoriza o influxo do "conhecimento crescente" para essa tarefa transformadora da humanidade (*Menschheit*). (Cf. MA I/HH I 27, KSA 2.48)

[2] *Die zukünftige* "*Menschlichkeit*". Nesse sentido, Bilate (2024, p. 17) afirma que a *humanitas* é compreendida por Nietzsche "como modelo cultivado do homem", com as características de dureza, rigor e imoralidade. Concordo assim com Danilo Bilate no sentido de que o super-homem é a resposta mais madura de Nietzsche a respeito do que é o homem. Entretanto, como será investigado a seguir, o super-homem é um projeto abandonado por Nietzsche.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

> Quem é capaz de sentir o conjunto da história humana como *sua própria história* sente [...] toda a mágoa do herói após a batalha que nada decidiu e lhe causou ferimentos e a morte do amigo –, mas carregar, poder carregar essa enorme soma de mágoas de toda espécie e ainda ser o herói que, no romper do segundo dia de batalha, saúda a aurora e a sua fortuna, como o ser que tem um horizonte de milênios à sua frente e atrás de si, como o herdeiro de toda a nobreza do espírito passado, herdeiro com obrigações, o mais aristocrático de todos os velhos nobres e também o primogênito de uma nova aristocracia, cujos pares ainda nenhuma época viu ou sonhou: tudo isso acolher em sua alma, as coisas mais antigas e mais novas, perdas, esperanças, conquistas, vitórias da humanidade: tudo isso, afinal, ter numa só alma e reunir num só sentimento: – isso teria de resultar numa felicidade que até agora o ser humano não conheceu – a felicidade de um deus pleno de poder e amor, cheio de lágrimas e risos, [...]. Esse sentimento divino se chamaria então – humanidade! (FW/GC 337, KSA 3.564)

Mesmo com sua insatisfação com o "ser humano de hoje" (cf. FW/GC 382, KSA 3.637), Nietzsche projeta o ideal de um espírito de transbordante abundância e potência, de grande saúde, o ideal de um bem-estar humano-sobre-humano (*das Ideal eines menchlich-übermenschlichen Wohlseins*), que parecerá *inumano* (*unmenschlich*) para a maioria das pessoas. Com esse espírito tornado livre começa a grande seriedade. Começa também a tragédia[3], qual seja, a tragédia em que atua Zaratustra. Uma tragédia entremeada de paródias e sátiras em relação à humanidade, aos seus últimos homens, e mesmo aos homens superiores.

Desde o período intermediário, Nietzsche emprega '*Menschheit*' e '*Humanität*' quase sempre em sentido crítico-negativo. Ele critica a noção de humanidade universal, com unidade forjada a partir da moral (homem bom), da metafísica (animal racional), religiosa (ser humano como 'filho' de Deus) e científica (da ciência como substituto da religião, no sentido do positivismo do séc. XIX). Já os termos *Menschlichkeit* e *Menschenthum* têm sentido mais positivo e afirmativo, ligadas às tarefas próprias de superar os resquícios morais, religiosos e metafísicos que foram acoplados ao "terrível texto fundamental *homo natura*" (JGB/BM 230. KSA 5.169). Assim, Nietzsche permanece no horizonte da 'humanidade', de uma humanidade fluida, em processo, a ser construída. Pois o ser humano permanece ainda como tipo a ser construído e fixado.

---

[3] *Incipit tragoedia.* É o título de FW/GC 342, KSA 3.571, que apresenta Zaratustra e o começo de seu declínio.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

O desprezo pelo Humano e o anseio pelo super-Humano

Em *Humano, demasiado humano* Nietzsche desenvolve a observação psicológica, com o desafio de apresentar à "humanidade a visão cruel da mesa de dissecação psicológica e de suas pinças e bisturis" (MA I / HH I 36, KSA 2.56). Foram valiosas as observações sobre o 'Humano e o Demasiado Humano' já feitas pelos moralistas franceses, pelos céticos antigos e modernos, e por Paul Rée, que aliou a tradição literário-moralista francesa com a abordagem darwinista-evolucionista. Entretanto, o ceticismo que inaugura a Filosofia do espírito livre não impede Nietzsche de manter perspectivas construtivas para a Humanidade, que nesse momento da obra é construída com laços de empatia (cf. MA I / HH I 33, KSA 2. 52). O desprezo das convenções, leis e tradições não o afasta em definitivo das preocupações humanas. O espírito livre nietzschiano incorpora os métodos científicos em seu modo de pensar e agir, esperando também depurar de seu corpo os sentimentos morais. Nessa atmosfera científica ele propõe o experimento de incorporar os resultados dos novos conhecimentos das ciências da vida. Se até agora a humanidade somente incorporou erros que se mostraram úteis para a conservação da vida (cf. FW/GC 310, KSA 3.469), o que aconteceria se a "verdade" (conhecimento científico) pudesse ser incorporada? Nietzsche esboça uma resposta logo em seguida, no livro III de *A gaia ciência*, à medida que propõe reunir muitas coisas para produzir seu pensamento científico, ou melhor, sua *gaia ciência*. Se os impulsos de duvidar, negar, aguardar, juntar atuavam como venenos quando estavam isolados, uma reunião delas num tempo vindouro seria muito auspiciosa:

> Muitas hecatombes humanas ocorreram, até esses impulsos chegarem a apreender a coexistência e a se sentir que eram funções de uma força organizadora dentro de um ser humano! E como ainda está longe o tempo em que as forças artísticas e a sabedoria prática da vida se juntarão ao pensamento científico, em que se formará um sistema orgânico mais elevado, em relação ao qual o erudito, o médico, o artista e o legislador, tal como agora os conhecemos, pareceriam pobres antiguidades! (FW/GC 113, KSA 3.474)

Esse experimento foi pouco desenvolvido, mas foi canalizado para outros projetos posteriores, como a fisiologia da arte, a genealogia da moral e em alguns

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

aspectos da transvaloração dos valores. O espírito livre ainda é um ser humano contemplativo, em busca de uma nova sabedoria de vida, artístico-científica, em direção a uma nova humanidade (futura humanidade). Pretendo mostrar como, após o anúncio da morte de Deus (FW/GC 125, KSA 3.480), Nietzsche radicaliza seu desprezo pelos seres humanos e pela humanidade, tendo seu ápice no *Zaratustra.* Zaratustra, o arauto do super-homem, o imoralista e o mestre do eterno retorno, que decididamente despreza os humanos e seu pensamento científico, é o novo tipo ficcional humano que vincula a arte à sabedoria de forma inusitada. É também aquele que tira a consequência mais decisiva da morte de Deus: "Mortos estão todos os deuses: agora queremos que viva o super-homem" (Za I/ZA I, Da virtude dadivosa, KSA 4.97)

É chegada a "hora do grande desprezo", anuncia Zaratustra no Prólogo (3). Até agora a humanidade (*die Menschheit*) não teve nenhum objetivo válido; desprezíveis foram as tentativas de atribuir sentido à vida humana a partir do além-mundo. O ser humano seria digno de desprezo mesmo em suas formas mais acabadas. São muitas as anotações dessa época a expressar seu nojo/desprezo pelos homens: "O homem é algo demasiado imperfeito. O amor a um homem me destruiria" (NF/FP 1882, 1[66] KSA 10.27); "meu nojo dos homens tornou-se demasiado grande –" (NF/FP 1882/83, 4[140] KSA 10.155). É justamente esse desprezo e nojo do humano que impele Nietzsche-Zaratustra para além-do-humano, como mostra esse apontamento da época do Zaratustra I: "Nosso desprezo pelo homem impele-nos para além das estrelas. Religião, metafísica enquanto sintomas de um impulso de criar o super-homem" (NF/FP 1882/83, 4[214] KSA 10.171).

O amor de Zaratustra é o amor ao distante, o amor aos que desprezam a si mesmos e se sacrificam para que o *Übermensch* viva. "Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo, o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma *transição* e um *declínio*" (*Übergang, Untergang*). (Za I / ZA I Prólogo, KSA 4.11)

Rigorosamente falando, o Humano (das *Menschliche*) não possui natureza ou identidade estável. Por isso, Nietzsche fala que ele é uma ponte, uma transição, um declínio, um animal doente, o tipo não fixado, com equilíbrio instável entre a besta e o anjo, oscilando entre o demasiado humano (medíocre, doentio, evoluindo até o "último homem") e o super-homem (anseio ou promessa).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

O último homem e o super-homem: dois caminhos?

Os esforços para avançar no caminho em direção ao super-homem (*der Übermensch*) estão mais concentrados na obra *Assim falou Zaratustra*. A meu ver, Nietzsche não tem êxito em construir esse tipo mais elevado de ser humano, que seria tanto o sentido da Terra quanto o sentido da existência humana[4]**,** depois da morte de Deus.

A desdivinização do mundo humano tem como consequência o niilismo, a ausência total de sentido e de valores norteadores da existência. O super-homem seria aquele em condições de criar novos valores e novos sentidos – para aqueles que conseguem ir além de si mesmos.

O problema do niilismo da ausência de sentido e do valor, no entanto, permanece ainda sem solução, e Nietzsche radicaliza ainda mais seu desprezo aos seres humanos. O caminho para o último homem, no entanto, é construído com muitos empenhos e energias, no coração do humanismo e do antropocentrismo.

O mundo moderno, com seus valores da moral do rebanho (igualdade, democracia, compaixão etc.) conduziria ao nivelamento da humanidade, ao reinado do "último homem" (*der letzte Mensch*): "O *primeiro* movimento é incondicional: o nivelamento da humanidade, grandes formigueiros etc." (NF/FP 1883, 7[21] KSA 10.244). Seria algo incondicional e necessário. Já estaríamos no tempo do último homem, que "tudo apequena"; ele é uma "espécie inextinguível", de longa vida. São os homens de rebanho, no qual todos são iguais e querem o mesmo; eles inventaram a felicidade reconfortante, a distração, os trabalhos, os pequenos prazeres de cada dia (cf. Za/ZA I Prólogo 5, KSA 4.18). O problema está em Nietzsche afirmar a necessidade do outro movimento, em direção ao super-homem: "O outro movimento: meu movimento é, ao contrário, o aprofundamento de todos os opostos e abismos, o abandono da igualdade, a criação dos super-poderosos. Aquele produz o último homem. Meu movimento, o super-homem". (NF/FP 1883, 7[21] KSA 10.244)

Nessa "modéstia" de Nietzsche, o movimento de seu pensar necessariamente guiaria ao super-homem. Mas ele coloca apenas uma premissa normativa: O ser humano é algo que *deve* ser superado. Nietzsche não possui recursos efetivos para mostrar como o homem *pode* ser superado, pois ainda não existiu nenhum super-homem: "Nunca

[4] Desenvolvi essas duas concepções de super-homem na obra *Assim falou Zaratustra*, no sentido de superar o niilismo advindo da morte de Deus. Cf. Araldi, 2004, p. 309-318.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

existiram ainda super-homens. Vi os dois nus, o maior e o menor dos homens: e achei ambos ainda — demasiado humanos!" (NF/ FP 1883 10[37] KSA 10.374). Com esse questionamento, pretendo mostrar aqui que as reflexões de Nietzsche sobre o demasiado humano conduzem, *malgré lui-même*, para o domínio indefinido dos últimos homens, ou seja, para os desertos do niilismo hipermoderno.

O anseio ao *Übermensch* arrefece no próprio *Zaratustra* de Nietzsche. No *Zaratustra IV,* o maior desafio para Zaratustra é vencer sua "última tentação": a compaixão pelos homens superiores. Mesmo os homens superiores, que sobem a montanha de Zaratustra, são dignos de desprezo. Zaratustra não se torna o *Übermensch*, e somente de modo *simbólico* se torna o mestre do eterno retorno, solitário em sua montanha, com seus simbólicos animais. Somente o super-homem, configuração mais elevada da vontade de poder, é que poderia superar o homem, ao criar novos valores, e criar-além-de si-mesmo (*über-sich-hinaus-schaffen*). Mas o super-homem tornou-se uma ficção imprestável na filosofia tardia do autor do Zaratustra.

No ZA IV, Nietzsche não tem mais nada de novo a dizer, a não ser repetir o que já disse no Prólogo de Zaratustra: "O super-homem me é caro, ele é o meu primeiro e único — e não o homem: não o próximo, não o mais pobre, não o mais sofredor, não o melhor — Oh, meus irmãos, o que posso amar no homem é que ele é uma transição e um ocaso" (Za/ZA IV, do Homem Superior, 3, KSA 4.357)

Mesmo despedindo-se do *Übermensch*, da tentativa fracassada de atribuir sentido à Terra e à existência humana, Nietzsche continua ansiando pelo grande redentor:

> Mostrar a *necessidade* de que para um uso sempre mais econômico do homem e da humanidade, para uma "maquinaria" de interesses e produções que se "envolvem" uns aos outros sempre mais firmemente, está ligado um *contramovimento*. (...) Nele deve (*soll*) vir à luz uma espécie *mais forte*, um tipo superior, que tenha outras condições de surgimento e de conservação do que as do homem mediano. Meu conceito, meu *símbolo* para esse tipo é, como se sabe, a palavra 'super-homem'." (NF/FP 1887 10[17] KSA 12.462)

O mesmo movimento ocorre na *Genealogia da moral*, apontando para o horizonte de Zaratustra, ao 'homem do futuro, "que devolve à terra sua finalidade e ao homem sua esperança, esse Anticristo e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada – ele tem que vir um dia" (GM/ GM II 24, KSA 5.336). Nietzsche continua a falar dos "filósofos do futuro", dos "homens do futuro", de uma nobreza futura. Desde alta

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

montanhas, em sua solidão, Zaratustra vê o deserto humano crescer. Fato é que não há indícios da vinda desse vencedor do grande nojo e do grande cansaço niilista. De modo que Nietzsche teme que o niilismo dos últimos homens se alastre, caso um 'casamento infernal' se consume: "do grande nojo do homem" com "a grande compaixão pelo homem!..." (GM/GM III 14, KSA 5.371). Se essas duas pragas em algum tempo se casarem, darão à luz ao que há de mais monstruoso no mundo: "a última vontade do homem, sua vontade de nada, o niilismo" (GM/GM III 14, KSA 5.371). Parece que isso ainda não ocorreu; ironicamente, os novos movimentos da tecnologia, através da inteligência artificial e dos algoritmos podem nos precaver disso. Ao custo muito alto de perdermos a estima por nós mesmos, e as capacidades autocríticas sobre nós mesmos, pois não teremos mais um mundo interior, uma subjetividade, autonomia, valores morais ou imorais, mas somente um conjunto desconexo de impulsos, de *inputs* e *outputs*, redutíveis a algoritmos, administrados por formas de inteligência que tendem a ser onipresentes, e mais poderosas que a nossa "humana". É inevitável pensarmos no perigoso "talvez" ligado ao domínio do tecnopoder, onde são feitos em nossa época os mais ousados experimentos de "disciplinamento e cultivo" (*Zucht und Züchtung*)].

Se o super-homem (ideal inatingível, tipo irrealizável) não existe nem poderá existir, o pensador Nietzsche não tem ainda recursos para superar o niilismo do "último homem". Teríamos somente o decaimento do humano na incapacidade de criar, de amar, de *ansiar* por algo além de si mesmo, e no extremo, a resignação na sua incapacidade para desprezar a si mesmo (cf. Za/ZA I Prólogo, 5, KSA 4.17); cresce também o desprezo e o nojo dos homens pelos espíritos relativamente mais livres e elevados. Ou teríamos novas formas de vida 'humanas', adaptadas a um mundo hostil, em que a técnica tem êxitos sempre temporários em criar ilusões de sentidos e de valores para seres vulneráveis e frágeis? Isso é possível, não há dúvida.

A ambiguidade da vontade de poder e a ameaça de autodestruição do humano

Nietzsche compreende o todo do mundo como uma luta incessante entre impulsos, entre vontades de poder que 'querem' sempre a mais poder. As vontades de poder possuem um caráter irrestrito, antagônico e incondicional. Possuem também um caráter interpretativo, que seria próprio de todo o acontecer. O mundo é vontade de poder (*Wille zur Macht*): ela é aplicada a todos os domínios, inclusive na política e na sociedade. Mas a vontade de poder é ambígua. Expressa-se 1) de forma afirmativa, nos

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

mais fortes, como aumento efetivo do poder e do sentimento de poder, e 2) de forma negativa-niilista, como diminuição de poder e como "desmoronamento" das forças. É o que Müller-Lauter (2009, p. 128) chama de processo niilista de declínio, em que ainda há o predomínio de uma vontade, a vontade de nada, que é ainda uma vontade de coesão, e garante um longo domínio aos "últimos homens", em sua configuração tecnológica atual.

A vontade de poder, nesse sentido, possui como "qualidade básica" o querer mais poder: mesmo nos fracos ela quer mais poder, pois o traço básico do querer é o *horror vacui*. Pois "o homem prefere querer o nada a não querer" (GM/GM III 1, KSA 5.339). Querer o nada é algo multifacetado: pode significar tanto a vontade de destruição de algo exterior quanto a vontade de autodestruição. Penso no domínio da tecnologia em nosso tempo, como forma preponderante da vontade de poder, afirmada pelo *homo rapiens* (*homo natura* enquanto animal de rapina). No tecnoceno, a vontade de poder não possui nenhuma hierarquia no ser, no divino, mas é puro jogo de forças, amoral, alheio às perspectivas ético-políticas humanas. Não há sentido humano hegemônico nesse jogo de forças, pois as relações de forças estão no plano imanente do mundo único em devir, em que somente importa o aumento de poder, mesmo que isso custe o fim da humanidade. O pós-humano poderia ser visto, nessa perspectiva, como novas configurações do jogo de forças imanente ao admirável mundo da tecnologia. Esse mundo pode prescindir das perspectivas e loucuras humanas. Essa é uma forma de despedirmo-nos do Humanismo, sem as esperanças demasiado humanas dos transumanistas, de buscar a imortalidade e a felicidade nos avanços da ciência. Em todo caso, que outra forma de bem-viver podemos conseguir hoje, a não ser aquela apontada por John Gray (2013, p. 14), de extrair a "maior utilidade possível da ciência e da técnica"? Mas isso não é compatível com o que Nietzsche esperava da 'humanidade futura'.

A vontade de poder espiritual, dos nobres do futuro, dos tipos mais elevados é ainda uma tentativa humanista heroica, de elevar o que há de mais "nobre" nos humanos: seu "espírito", sua sabedoria, sua fisiopsicologia, enfim, com os métodos ascéticos, estéticos e éticos cultivados por milênios. A tarefa de Nietzsche, assim, é um contramovimento à *décadence* e ao instinto niilista de negação:

> Minha tarefa de preparar para a humanidade um instante de suprema tomada de consciência, um *grande meio-dia* em que ela olhe para trás e para adiante, em que

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

> ela escape ao domínio do acaso e do sacerdote, e coloque a questão do por quê?, do para quê? pela primeira vez como *um todo* —, essa tarefa resulta necessariamente da compreensão de que a humanidade *não* segue por si o caminho reto, que *não é* regida divinamente, que na verdade, sob as suas mais sagradas noções de valor, foi o instinto de negação, de degeneração, o instinto de *décadence* que governou sedutoramente." (EH/EH*,* Porque escrevo livros tão bons, *Aurora,* 2, KSA 6.331)

Essa é a ilusão de Nietzsche: acreditar que essa tarefa poderia ser realizada num tempo futuro distante, em que o ser humano, enfim, efetivaria suas grandes possibilidades de disciplina e cultivo (*Zucht und Züchtung*). Essa abertura de um caminho criador futuro é elaborado por Peter Sloderdijk, no sentido de uma super-humanidade:

> Esse é conflito fundamental que Nietzsche postula para todo futuro: a luta entre os que criam o ser humano para ser pequeno e os que o criam para ser grande — poder-se-ia também dizer entre os humanistas e os super-humanistas, amigos do homem e amigos do "super-homem" [*Übermensch*]. O emblema do *Übermensch* não figura nas reflexões de Nietzsche como o sonho de uma rápida desinibição ou de uma evasão para a bestialidade — como julgavam nos anos 30 os maus leitores de Nietzsche calçados de botas. A expressão tampouco representa a ideia de uma criação regressiva do ser humano para um *status* anterior à época do animal doméstico ou do animal eclesiástico. Ao falar do *Übermensch*, Nietzsche tem em mente uma era muito além da atual. (Sloterdijk, 2010, p. 41)

Essa utopia de uma era muito além da atual torna-se em nosso tempo uma distopia, pois não temos mais ilusões ou esperanças de remodelar o ser humano em seu todo (a humanidade) para ser grande e nobre. Todos os saberes conquistados pela Humanidade não nos tornaram melhores ou mais livres, como disse John Gray: "Nós permanecemos aqueles que sempre fomos, e somos capazes de fazer qualquer maluquice".[5]

É ainda relevante pensar, a partir de W. Müller-Lauter e de M. Heidegger, nos desdobramentos da vontade de poder em relação ao poder humano de instituir valores. A metanarrativa histórico-universal de Nietzsche acerca do niilismo seria a consumação dessa longa história das aventuras humanistas, em que, por fim, o super-homem se

[5] Gray, 2013, p. 14.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

mostra como a "subjetividade acabada da vontade de poder"[6]. Nas décadas de 1930 e 1940, Heidegger via a "essência" do super-homem em sua determinação para assumir o "domínio completo da Terra", numa atitude de "maquinalização completa das coisas". A ênfase estaria na calculabilidade da vontade de poder, pois todos os esforços humanos de "disciplina e cultivo" teriam como meta a administração completa da Terra[7]. A partir dos anos 1950, contudo, a preocupação maior de Heidegger estaria na superação do pensamento técnico-metafísico. É nesse sentido que Müller-Lauter valoriza em Heidegger o prognóstico do domínio da essência da vontade enquanto tecnologia, algo que está presente de modo muito embrionário em Nietzsche. Em contraposição ao último homem e à visão limitada de domínio técnico, o super-homem aparece agora como a "configuração mais elevada da vontade de poder"[8]. Assim, o super-homem nietzschiano estaria mais associado ao "pensar perigosamente", no amplo horizonte da planificação técnica, que constituiria o tempo do niilismo. Mas Müller-Lauter tende a concordar com Heidegger, no sentido de pensar a devastação niilista para além das duas Guerras Mundiais, como um processo irreversível que se alastra através dos meios técnicos, colocando em jogo os próprios modos humanos de ser. A tarefa que se coloca a partir de Nietzsche e desses dois pensadores alemães do século XX, é a de pensar o futuro do ser humano, em meio à aceleração crescente dos processos técnicos[9].

Conclusão

Nietzsche não possui nenhum recurso ético ou político vigoroso o bastante para suplantar o niilismo dos últimos homens. Em última instância, a incapacidade desse tipo humano de autodesprezo se torna também uma incapacidade de autocrítica. A solução mais "cômoda" a esse problema é simplesmente relativizar a importância do niilismo em Nietzsche, tratando-o apenas como um exagero, ou uma síndrome do séc. XIX. Não foi esse o caminho que adotei neste artigo. Do mesmo modo, não considero que a crítica ao humano e ao demasiado humano em Nietzsche sejam precursoras do pós-humanismo ou do transhumanismo. A tarefa filosófica de Nietzsche é incompatível com os objetivos do pós-humanismo crítico, no sentido proposto por Vanessa Lemm (2020). Não há como fundar uma dimensão comunitária em Nietzsche, a saber, uma

[6] Müller-Lauter, 2000, p. 103.
[7] Müller-Lauter, 2000, pp. 104 -106.
[8] Müller-Lauter, 2000, p. 124.
[9] Müller-Lauter, 2000, p. 132.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

comunidade no quadro de uma biopolítica afirmativa, como pretende Vanessa Lemm, mas sim o crescente isolamento/solidão na era da tecnociência. Rigorosamente falando, nenhum novo valor foi criado no grandioso projeto transvalorativo de Nietzsche, nem foram reavivados os velhos valores nobres greco-romanos. Mas Nietzsche é magistral em mostrar como ocorreu a ruína dos valores morais e, com eles, a corrosão niilista de *todos* os valores humanos. A maioria dos últimos homens ainda consegue viver com fragmentos ou com a ilusão desses valores. E parece que poderão continuar a viver com esses valores, remendados e "maquiados" nas versões transhumanistas do humanismo.

Podemos pensar em nossa época, o tecnoceno, como a época do predomínio dos traços destrutivos da vontade de poder, que se alastra como controle irrestrito da tecnologia sobre os processos humanos e artificiais. A tecnologia é um poder humano, desse animal outrora frágil frente à natureza, que se torna muito devastador, imprevisível e 'inumano' (*unmenschlich*). O mundo da tecnologia é amoral, não se detém na ameaça de destruição do Humano (que é um problema somente para os humanos, não para os pretensos *pós*-humanos), de seus valores e sentidos. Com a acelerada destruição do sujeito crítico capaz de produzir sentido, a despedida do Humanismo nas próximas gerações não será trágica, mas poderá ser até experimentada como uma libertação de grilhões 'morais' aprisionadores. Essa é a crítica que faço a Edgar Landgraf (2023), que tenta justificar aspectos éticos e políticos do pós-humanismo nietzschiano (de viés crítico e metodológico). Entretanto, para criticar as apropriações feitas pelos transhumanistas da filosofia de Nietzsche, é preciso recorrer aos esforços críticos tributários de certas vertentes humanistas, às quais Nietzsche ainda está ligado. Nesse sentido, Vanessa Lemm defende ainda um Hiper-Humanismo, ou seja, uma versão do Super-Humanismo, e Edgar Landgraf precisa adotar versões problemáticas de Nietzsche pelo pós-estruturalismo (Foucault, Derrida, Deleuze) para construir seu Nietzsche 'pós-humanista'. Minha intenção aqui é mostrar que há um problema básico na apropriação de Nietzsche pelos pós-humanistas, a saber, a pressuposição do super-homem e do *homo natura* como algo incompatível com o humanismo.

A *desdivinização* (*Entgöttlichung)* do homem seria também a *desumanização (Entmenchlichung*) do mundo, nesse singular humanismo nietzschiano. Até esse ponto, Nietzsche não propõe somente abandonar as ilusões antropológicas, mas também despedir-se definitivamente do Humanismo moral e racionalista. Essa seria uma saída niilista, pois esvaziaria o ser humano de todos os valores e ideais dessas tradições

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

humanistas e das construções antropológicas do Iluminismo e do Racionalismo. Entretanto, Nietzsche não é o arauto de um pós-humano tecnológico, pois propõe uma nova humanização da natureza (*die Vermenschlichung der Natur*) e uma redivinização do mundo, através do dionisíaco, da religião do sim, como uma tentativa de dar um sentido artístico e criador à existência humana. Não é possível, contudo, afirmar o super-homem como o sentido da Terra, pois a mesma não se deixa moldar pelos "sonhos românticos" de Nietzsche. Em nosso tempo, a Terra é transformada/esgotada pelos poderes da técnica, no fundo, por um poder colossal que se torna desumano. Essa tentativa de naturalização resulta num fracasso retumbante na época da tecnociência e do colapso ambiental, à medida que o *homo natura* (JGB/BM 230, KSA 5.169) se converte no *homo rapiens,* revelando sua *hybris* destruidora e exploradora. Essa é a dinâmica e a *hybris* dos impulsos "humanos" que almejam poder. Não existem tais "instintos profundos e intactos da vida", tais como os supunha o autor de *Além do bem e do mal*. Nem é possível, na época da revolução digital, retroverter o homem à natureza pura e autêntica dos impulsos, pois não há acessos ao "terrível texto básico *homo natura",* como a base para interpretações mais afirmativas. É bem concreta, contudo, a violentação humana da natureza: "Ainda que medido com o metro dos antigos gregos, todo o nosso ser moderno [...] apresenta- se como pura *hybris* e impiedade. [...] *Hybris* é hoje nossa atitude para com a natureza, nossa violentação da natureza com a ajuda das máquinas e da tão irrefletida inventividade dos engenheiros e técnicos." (GM/GM III 8, KSA 5.355)

Esse lamento pela dominação cruel da natureza é uma herança tanto do Humanismo clássico e renascentista quanto do culto romântico da natureza. O super-humano nietzschiano não é um híbrido (homem-máquina) mas é um humano que quer ir além de si, de seus limites morais, culturais, para criar novas maneiras de sentir, de agir e pensar, ainda indefinidas em nosso mundo. A falta de sentido deixará de ser um problema se nós deixarmos de ser humanos. Esse é o limiar dos "últimos homens" que, no fim, perdem a vergonha de si, a capacidade de crítica e autocrítica e os últimos resquícios humanos.

Enfim, defendo que esse caminho criador/destruidor de Nietzsche não guia ao transhumanismo, nem ao pós-humanismo crítico, mas sim à despedida parcial do humanismo. Nietzsche não suportava o mundo dos 'demasiado humanos', e não se cansou de ansiar para-além-do-humano, através de novos tipos de homem e da

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

transvaloração dos valores. Esses anseios ainda são humanos, pois ele não se despediu de todas as formas de humanismo. A tecnologia tem esse poder, e a despedida completa do humanismo poderá ocorrer como uma lenta dissolução do humano, sem tragédias ou lamentos.

A tecnociência é um sério risco à sobrevivência da humanidade, como a conhecíamos, mas permitirá uma vida ainda longa para os últimos seres humanos, felizes com suas pequenas alegrias fúteis e descartáveis. A ironia é que só conseguiremos atingir a completa desumanização do mundo à custa de nossa própria autodestruição humana.

Nietzsche é o Filósofo de nosso tempo e o Filósofo de uma Humanidade Futura, à medida que mostra a corrosão niilista dos valores, dos sentidos e de tudo o que era 'humano' das tradições humanista-morais ocidentais, e aponta para longínquos anseios de criação. As suas concepções de humano e de super-humano não o tornam precursor do que hoje chamamos de pós-humanismo ou transhumanismo. A resposta que ele deu em seu tempo, e que ressoa como um lamento de algo intangível no nosso tempo, consiste no direcionamento de esforços para o caminho criador do homem. Com seu *alter ego* fictício Zaratustra, ele segue o caminho solitário da criação, mas não logra criar novos valores, nem criar-além-de-si-mesmo. No máximo, o imoralista quebra velhas tábuas e começa a rabiscar em novas tábuas, sonhando com "novos valores dionisíacos". A transvaloração de todos os valores, a partir de 1884, é a retomada desse projeto de criação, mas é um projeto embrionário, que trouxe à luz *O Anticristo*, a parte polêmico-belicosa, da destruição dos velhos valores pelo Imoralista Nietzsche.

A Humanidade futura, delineada no horizonte de *A gaia ciência,* foi redimensionada por Nietzsche na grande tarefa da Transvaloração de todos os valores. Essa utopia da humanidade futura, com sua nobreza e felicidade transbordantes, se desvanece no próprio horizonte de Nietzsche, obscurecido pelo niilismo: ninguém viu, sonhou ou conheceu essa 'humanidade futura', e o próprio Nietzsche se detém mais em investigar o niilismo dos últimos homens, e nos últimos anos de seu pensamento se concentrou mais nos aspectos destrutivos dessa grande revolução no mundo do valor.

Declaração de uso de IA

Os autores declaram utilizar ferramentas de inteligência generativa exclusivamente para apoio na revisão textual, incluindo sugestões de clareza, coesão e

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

organização da escrita. As decisões conceituais, metodológicas e interpretativas são de responsabilidade dos autores do artigo.

Declaração de contribuição dos autores

Nathan Pinier Golfier: conceitualização, redação do manuscrito original, redação - revisão e edição.

Declaração de financiamento

Não houve financiamento.

Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa

Os autores afirmam que os artigos publicados no periódico Cadernos Nietzsche procedem à revisão bibliográfica enquanto método de pesquisa que analisa e sintetiza informações existentes, especialmente, em livros e artigos científicos sobre a filosofia de Nietzsche, objetivando identificar conceitos-chave, teorias relevantes, lacunas na literatura existente e propor interpretações originais acerca do pensamento do filósofo. Os dados concernentes aos artigos constam nas referências bibliográficas no final de cada texto, detalhando a procedência em notas de fim de página, disponibilizando assim todo o material utilizado na pesquisa.

Declaração sobre conflito de interesses

Os autores declaram que os artigos publicados no periódico Cadernos Nietzsche não apresentam conflito de interesses de ordem pessoal, comercial, acadêmica ou financeira que possa comprometer a objetividade e a integridade dos resultados da pesquisa publicada como artigo científico no periódico.

Referências

ARALDI, C. L. *Niilismo, Criação, Aniquilamento. Nietzsche e a filosofia dos extremos*. Col. Sendas & Veredas. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004.

BILATE, D. O nojo pelo homem e o “humanismo” nietzschiano. *Cadernos Nietzsche*, Rio de Janeiro/Recife/Santo André, v.45, n.3, p. 1-21, set./dez., 2024.

GRAY, J. *Von Menschen und anderen Tieren. Abschied vom Humanismus*. 2. ed. Munique: DTV, 2013.

LANDGRAF, E. *Nietzsche’s Posthumanism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2023.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

LEMM, V. *Homo natura: Nietzsche, Philosophical Anthropology and Biopolitics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2020.

MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche. Sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia.* Trad. por Clademir Araldi. São Paulo: Editora UNIFESP, 2009.

MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche-Interpretationen III.* Heidegger und Nietzsche. Berlim: de Gruyter, 2000.

NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência.* Trad. de P. C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. *A genealogia da moral*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. W. *Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro;* trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de P. C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. W. *Aurora. Reflexões sobre os preconceitos morais.* Trad. de P. C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, F. W. *Digital critical edition of the complete works and letters*, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967-, ed. por Paolo D'Iorio. Nietzsche Source: http://www.nietzschesource.org/#eKGWB

NIETZSCHE, F. W. *Ecce homo. Como alguém se torna o que é.* Trad. de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres.* Trad. de P. C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

SLOTERDIJK, P. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

Enviado:

16.12.2025

Aceito:

22.03.2026

Pareceristas:

Fernando de Moraes Barros

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15793

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1045-4570

João Tude de Melo Neto

ORCID:https://orcid.org/0000-0003-4752-6993

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.